

BETTO, Frei. **Minas do Ouro**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. 270 p. ISBN 978-85-325-2689-2.

André Jorge Catalan Casagrande*

Nos últimos anos tive a honra de trocar *e-mails* com o escritor mineiro Frei Betto. Isto se deve ao fato de minha pesquisa de mestrado remeter ao seu primeiro romance histórico *Um homem chamado Jesus*, baseado nos evangelhos canônicos, que revisita a sua maneira a mais que conhecida história do Cristo. A dissertação se tornou livro, sendo o título - *Jesus na ótica da literatura* - sugestão do próprio Frei Betto, que ainda chancela minha obra com uma nota na quarta-capa.

No segundo semestre de 2011 foi lançado o seu segundo romance histórico, intitulado *Minas do Ouro* e, por conta desta amizade virtual, ganhei um exemplar autografado. Destarte, não poderia deixar de lê-lo, não obstante minha demora em fazê-lo.¹

O romance conta a “estória” da família Arienim – mineira ao contrário –, tendo como pano de fundo a história das Minas Gerais. Tudo se inicia com um fragmento de mapa, possivelmente de uma mina de ouro, enrolado em um cartucho de couro, que passa às mãos de Fulgêncio Arienim no cais de Salvador por um oficial inglês à beira da morte, após ter sido apunhalado por uma prostituta. Daí em diante, o tal mapa do tesouro passará pelas mãos de muitos Arienims, que não medirão esforços na tentativa de encontrar as riquezas apontadas pelo mapa, sem nunca, no entanto, conseguir achá-las.

O narrador desta saga familiar é o último dos Arienim, um jornalista que, em busca de um furo de reportagem na festa de aniversário de ninguém mais que ninguém menos que Elizabeth Taylor, descobre que o diamante de 40 milhões de dólares em posse de Miss Taylor fora pago com o fragmento de mapa que por tantos séculos ficara sob a guarda de seus ancestrais e que fora vendido por seu avô, Antenor Arienim, a mister Burton, um inglês colecionador de antiguidades que esteve em terras brasileiras.

A contextualização do romance fica por conta dos cinco séculos de história das Minas Gerais. O que ocorre é uma revisitação dessa história, em que personagens fictícias convivem e dialogam com personagens históricas. Não obstante, em presença de romances assinalados como históricos, surgem alguns questionamentos: por que recontar outra vez a história das Minas Gerais, e ainda mais de modo fictício? Haveria aí uma tentativa de reinterpretar o que

* Mestre em Ciências da Religião, com concentração em teologia e literatura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, licenciado em Letras e bacharel em Teologia.

1 Registro aqui meu agradecimento ao velho amigo, Leandro Thomaz de Almeida, pela revisão e apontamentos pertinentes para a confecção desta resenha.

já disse a historiografia sobre o tema? Quais as diferenças entre a escrita da história pela historiografia e pelo romance? A história, estaria ligada ela, de alguma maneira, aos fatos, ou tudo não passa de (mera?) interpretação?

Em determinado momento do romance, Frei Betto parece ponderar questões como essas, como, por exemplo, quando o professor Bretas convida Maria Veridiana Arienim para auxiliá-lo na redação de seu livro sobre a vida e a obra de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Bretas não está interessado na verdade objetiva dos traços biográficos do mestre barroco, mas no sensacionalismo de uma biografia que impac-tasse os leitores e, para tanto, interpreta a história de Aleijadinho à sua maneira, passando por cima, muitas vezes, dos dados históricos.

Contudo, os questionamentos anteriormente levantados regem as diferenças entre o romance histórico tradicional e o gênero romanesco contemporâneo denominado metaficção historiográfica. Destarte, o primeiro crítico a se preocupar com o estudo do romance histórico foi o filósofo húngaro György Lukács, em ensaio intitulado *O romance histórico*, de 1937 (recentemente publicado em língua portuguesa), no qual o autor apresenta as características deste gênero literário que situa sua ação, ainda que fictícia, num passado histórico, isto é, real. Este tipo de romance tem como pano de fundo um contexto anterior ao do escritor e é sobre esse contexto que o romancista situará seu enredo fictício. Sendo assim, o romance histórico é um gênero híbrido que

acaba por combinar literatura e realidade histórica.

A metaficção historiográfica, por sua vez, é apontada por Linda Hutcheon, em seu livro *Poética do Pós-Modernismo* (1988), como um gênero tipicamente pós-moderno. O romance histórico tradicional seria nada mais que uma espécie de ratificação da história oficial, enquanto a metaficção historiográfica se apresenta como uma história alternativa, que lança um novo olhar sobre o passado, por vezes parodiando-o, e dando voz e vez a minorias e aos excluídos, tais como negros, gays, mulheres, pobres, entre outros grupos sociais, que não foram devidamente ouvidos pela historiografia tradicional e oficial.

Em qual destes dois gêneros romanescos se enquadra *Minas do Ouro*? Seria de fato um romance histórico? Ou metaficção historiográfica? Penso que embora haja uma tendência maior ao romance histórico tradicional – por conta da tentativa de fidelidade à historiografia oficial das Minas Gerais –, ainda assim parece existir uma parcela de metaficção historiográfica, uma vez que a família protagonista do romance, os Arienim, representa todas as famílias de mineradores que vivenciaram a esperança de enriquecer com o garimpo. Percebe-se, portanto, que Frei Betto reescreve a história dando voz e vez aos mineiros, povo humilde e simples que desbravou os rincões das Gerais, e que por este motivo merece não apenas ser ouvido, como também ocupar o papel de protagonistas na história das Minas Gerais, tal qual os tropeiros em relação à historiografia paranaense.

REFERÊNCIAS

HUTCHEON, Linda - **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

LUKÁCS, György – **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo editorial, 2011.

Recebido para publicação em 27 abr. 2012.

Aceito para publicação em 8 jun. 2012.